

Iago Porfírio
Universidade Federal da
Bahia - UFBA
Email:
iagoporfiriojor@gmail.com



Este trabalho está licenciado sob
uma licença [Creative Commons
Attribution 4.0 International
License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Copyright (©):
Aos autores pertence o direito
exclusivo de utilização ou
reprodução

ISSN: 2175-8689

A explicação cibernética para pensar “o mundo do avesso” de Letícia Cesarino

*The cybernetic explanation for thinking “the
world inside out” by Letícia Cesarino*

*La explicación cibernética para pensar “el
mundo al revés” de Letícia Cesarino*

Porfírio, I. A explicação cibernética para pensar “o mundo do avesso” de
Letícia Cesarino. *Revista Eco-Pós*, 26(01), 565–576.
<https://doi.org/10.29146/eco-ps.v26i01.28066>

Dossiê Crises da democracia e desinformação: diagnósticos do tempo presente

<https://revistaecopos.eco.ufrj.br/>
ISSN 2175-8689 – v. 26, n. 1, 2023
DOI: 10.29146/eco-ps.v26i01.28066

RESUMO

Esta resenha apresenta o livro *O mundo do avesso: verdade e política na era digital* (2022), da pesquisadora, professora e antropóloga Letícia Cesarino, destacando os principais elementos de leitura que acercam a reflexão proposta pela autora ao longo do livro. Cesarino tem como base teórica e epistemológica para pensar as novas mídias a perspectiva cibernética do ciberneticista e antropólogo Gregory Bateson. Ela descreve os processos e sistemas da cibernética para a contribuição do entendimento à conjuntura política plasmada pelo populismo, pós-verdade e neoliberalismo, para propor uma reflexão quanto às infraestruturas e sistemas da digitalização da política e da verdade. No contexto da pandemia de Covid-19 (2020-2022) e do governo fascista e autoritário de Jair Bolsonaro (2018-2022), a autora apresenta, a partir de dados empíricos, as significativas modificações recentes nos modos de produção de verdade no ambiente digital no Brasil e as suas consequentes polarizações.

PALAVRAS-CHAVE: *Cibernética; Política digital; Novas mídias; Populismo; Tecnociência.*

ABSTRACT

This review presents the book *O mundo do avesso: Verdade e política na era digital* (2022), by researcher, teacher and anthropologist Letícia Cesarino, highlighting the main reading elements that approach the reflection proposed by the author throughout the book. Cesarino's theoretical and epistemological basis for thinking about new media is the cybernetic perspective of the cyberneticist and anthropologist Gregory Bateson. She describes the processes and systems of cybernetics for the contribution of understanding to the political conjuncture shaped by populism, post-truth and neoliberalism, to propose a reflection on the infrastructures and systems of the digitization of politics and truth. Taking the Covid-19 pandemic (2020-2022) and the fascist and authoritarian government of Jair Bolsonaro (2018-2022) as a context, the author presents, based on empirical data, the significant recent changes in the modes of production of truth in the digital environment in Brazil and the polarizations caused by it.

KEYWORDS: *Cybernetics; Digital policy; New media; Populism; Technoscience.*

RESUMEN

Esta reseña presenta el libro *O mundo do avesso: verdade e política na era digital* (2022), de la investigadora, profesora y antropóloga Letícia Cesarino, *O mundo do avesso: verdad y política en la era digital* (2022), destacando los principales elementos de lectura que abordan la reflexión propuesta por el autor a lo largo del libro. La base teórica y epistemológica de Cesarino para pensar los nuevos medios es la perspectiva cibernética del cibernético y antropólogo Gregory Bateson, quien propone una reflexión sobre las infraestructuras y sistemas de digitalización de la política y la verdad. En el contexto de la pandemia de la Covid-19 (2020-2022) y del gobierno fascista y autoritario de Jair Bolsonaro (2018-2022), el autor presenta, a partir de datos empíricos, los significativos cambios recientes en los modos de

producción de la verdad en el entorno digital en Brasil en el entorno digital y sus consecuentes polarizaciones provocadas por él.

PALABRAS CLAVE: Cibernética; Política digital; Nuevos medios de comunicación; Populismo; Tecnociencia .

Submetido em 25 de abril de 2023

Aceito em 10 de junho de 2023

Introdução

O contexto social e político pelo qual o Brasil vem passando nos últimos anos, desde, por assim dizer, o sequestro e a usurpação do estado democrático de direito por parte da extrema-direita e de uma elite atrasada, com o golpe contra a presidenta Dilma Roussef, em 2016, além do bolsonarismo e sua instauração de um governo autoritário e fascista (2019-2022), tem provocado interesse de investigação em diferentes áreas da comunicação política, antropologia política e dos estudos políticos da mídia e democracia digital. Soma-se a esse contexto a crescente falsificação de narrativas, orquestrada por uma indústria de *fake news*, sobretudo sobre “fatos políticos”, que coloca o próprio jornalismo diante de questionamentos e desafios epistemológicos, como chamam atenção Wilson da Silva Gomes e Tatiana Dourado (2019).

Publicado em 2022 pela editora Ubu, *O mundo do avesso: verdade e política na era digital*, da pesquisadora e professora da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) Letícia Cesarino, acrescenta a esse debate temas como o populismo, pós-verdade e neoliberalismo, propondo alternativas de compreensão aos fenômenos plasmados pelo contexto citado acima. Tendo como base o pensamento do ciberneticista e antropólogo Gregory Bateson, Cesarino procura descrever os processos e sistemas da cibernética para contribuir com o entendimento dos elementos de determinada conjuntura, por entender que a perspectiva cibernética “atenta para padrões de coemergência de agências em um mesmo campo dinâmico de complexidade, regido por causalidades recursivas” (Cesarino, 2022, p. 30).

Dossiê Crises da democracia e desinformação: diagnósticos do tempo presente

<https://revistaecopos.eco.ufrj.br/>

ISSN 2175-8689 – v. 26, n. 1, 2023

DOI: 10.29146/eco-ps.v26i01.28066

O livro divide-se em duas partes, contendo, a primeira, os capítulos “Sistemas dinâmicos e a perspectiva cibernética” e “O “mal-estar na plataformização”; já a segunda parte conta com os capítulos “Política: algoritmização e populismo” e “Verdade: conspiracionismos e *alt-sciences*”.

Logo na introdução, Cesarino apresenta alguns conceitos, sobre os quais irá discorrer ao longo do livro, colocando, sobretudo, a dimensão da tecnologia não somente como mobilizadora da polarização política, mas, no dizer de Jesús Martín-Barbero (2009), mediadora da “tecnicidade” dos fenômenos. Esta perspectiva da teoria barberiana da comunicação adotada pela autora já vem, há mais de 20 anos, integrando os estudos sociais da tecnociência. Nessa direção, o livro não pretende analisar propriamente determinados fenômenos, conforme nos diz a autora, mas “buscar uma perspectiva mais adequada para melhor entendê-los” (Cesarino, 2022, p. 13). Assim, além dessa perspectiva da tecnicidade que transforma nossas percepções e experiências sociais (Martín-Barbero, 2009), Cesarino se apoia, como já dito, na obra de Bateson para propor, na esteira do ciberneticista, uma “explicação cibernética”. Ela busca entender as estruturas, infraestruturas e sistemas da digitalização da política e da verdade, tendo como contexto a pandemia de Covid-19 (2020-2022) e o governo autoritário e anticiência de Jair Bolsonaro.

Nessa direção, o primeiro capítulo “Sistemas dinâmicos e a perspectiva cibernética” descreve a conceitualização de sistemas adotados pela autora ao longo do livro, sobretudo baseando-se no movimento da cibernética dos anos 1940 e sua infraestrutura nas novas mídias, para construir um entendimento dos processos de “comando e controle” em agentes humanos e não humanos, como animais e máquinas. Na esteira dessa proposta de explicação cibernética, Cesarino convoca outros autores e conceitos, como a filosofia da ciência do historiador Thomas Kuhn, ciências do caos e não linearidade — que reflete a própria estrutura não linear do livro, conforme chama atenção a autora —, geometria fractal, além dos estudos das estruturas dissipativas e sistemas complexos do físico Ilia Prigogine e da filósofa da ciência Isabelle Stengers, e outros teóricos acionados pontualmente.

Dossiê Crises da democracia e desinformação: diagnósticos do tempo presente

<https://revistaecopos.eco.ufrj.br/>

ISSN 2175-8689 – v. 26, n. 1, 2023

DOI: 10.29146/eco-ps.v26i01.28066

Uma breve introdução do conceito de sistemas e de que maneira a autora o adota é o ponto de largada desse primeiro capítulo. Cesarino propõe outra interpretação à denotação que o termo “sistema” tem no senso comum — como sistema capitalista, político ou jurídico. Embora faça referência aos fenômenos a eles relacionados, ela busca extrair desses sistemas a sua dimensão real e histórica, em sua composição complexa da não linearidade, de modo a fazer uma análise, nos capítulos seguintes, sobre política populista, conspiracionismos e demais temas correlacionados. Dessa maneira, a escolha da perspectiva cibernética se justifica porque, ao contrário da perspectiva positiva que se dedica a explicação de causalidade linear entre os agentes, ela se atenta “para padrões de coemergência de agências em um mesmo campo dinâmico de complexidade” em operações de sistemas, segundo Cesarino (2022, p. 30). Para a autora, esses fenômenos são ao mesmo tempo naturais e sociais, desviando-se da separação da modernidade entre humano e natural, entre natureza e cultura, micro e macro.

A explicação cibernética para o tratamento de temas sobre o populismo, pós-verdade e neoliberalismo se vale da teoria da informação e da probabilidade em sistemas vivos, por assim dizer. O uso do sistema cibernético ilustra o funcionamento macro do ambiente digital e as polarizações por ele provocadas, demonstrando, assim, uma correlação da antropologia, área da qual faz parte a autora, com a “cibernética das máquinas e da vida”. Uma antropologia que, segundo Cesarino (2022, p. 39), reintegra os “quatro campos”, como da “cultura, linguagem, materialidade técnica e cognição incorporada (*embodied*)”, implicando na conceitualização do termo digital. Em certa medida, de acordo com a autora, a própria teoria antropológica “opera numa camada analítica próxima à da cibernética”. É nessa direção que termos caros aos estudos antropológicos, como ritual, tabu, liminaridade, cismogênese, mimese, dupla torção e outros, são acionados para a discussão dos seguintes capítulos para, justamente e na esteira de Kuhn, pensar a mudança de paradigma no processo da ciência.

Ainda no primeiro capítulo, Cesarino (2022), como descrito nas páginas iniciais do livro, aborda o tema das novas ciências da não linearidade à fractalidade, esta última devido a um grande impulso dos anos 1960 e 1970 das novas tecnologias computacionais. Conforme descreve a autora, os fractais reproduzem a mesma forma do todo em propriedades

Dossiê Crises da democracia e desinformação: diagnósticos do tempo presente

<https://revistaecopos.eco.ufrj.br/>

ISSN 2175-8689 – v. 26, n. 1, 2023

DOI: 10.29146/eco-ps.v26i01.28066

autossimilares. “Essa estruturação é produto de funções recursivas, ou seja, pelo fato de as partes reproduzirem a ‘mesma’ forma do todo”, explica Cesarino (2022, p. 52), com exemplos como as plantas samambaias e couve-flor, além das nuvens e ondas como formas não orgânicas. A fractalidade é adotada como categoria analítica porque também “caracteriza padrões de coemergência entre usuários e algoritmos”, como destaca a autora.

Outro conceito discorrido pela pesquisadora é o de estruturas dissipativas em sistemas em crise e distantes de um equilíbrio, em diálogo com o pensamento do químico belga Ilya Prigogine e da filósofa da ciência Isabelle Stengers. Para estes autores, segundo descreve Cesarino (2022, p. 58), “a reorganização de sistemas longe do equilíbrio se daria com base em dinâmicas diferentes — ou mesmo inversas — das que prevalecem em estados de maior estabilidade”. É, nas palavras da autora, como se os sistemas sociais procurassem de forma espontânea “recuperar uma porção ótima entre identidade e diferença”. O que seria o caso, para citar como exemplo, do fascismo histórico que, em crise, “buscou a regeneração total de sua identidade excluindo qualquer diferença — e levando assim a uma bifurcação caótica que destruiu não apenas o inimigo, mas seu próprio corpo sociopolítico” (Cesarino, 2022, p. 59). Esse seria o caso do populismo, em que

o colapso de contextos entre público e privado leva a uma bifurcação do tipo amigo-inimigo em que o campo público da política é englobado pela lógica privada da comunidade de destino compartilhadas apenas por aqueles reconhecidos como “amigos”, e que são vistas como fonte da vida, do valor, da autenticidade e da verdade: o povo, a nação, a família, a igreja etc. (Cesarino, 2022, p. 77).

É nessa direção que o segundo capítulo dessa primeira parte, “O ‘mal-estar’ na plataformização” continua o debate da crise dos sistemas. Sobre tudo a crise do capitalismo neoliberal faz com que as sociedades sofram, por assim dizer, de “um ‘mal-estar’ derivado das disjunções entre indivíduos e sistema social” (Cesarino, 2022, p. 88), que se distancia, nesse sentido, dos termos colocados em *O mal-estar na civilização*, do pai da psicanálise Freud. Conforme argumenta Cesarino (2022, p. 88), esse mal-estar deve-se ao “modo como as novas

Dossiê Crises da democracia e desinformação: diagnósticos do tempo presente

<https://revistaecopos.eco.ufrj.br/>

ISSN 2175-8689 – v. 26, n. 1, 2023

DOI: 10.29146/eco-ps.v26i01.28066

mídias introduzem, difundem e capitalizam uma infraestrutura técnica”, acelerando a temporalidade sociotécnica e aprofundando a desestabilização dos sistemas.

A principal proposta desse capítulo é articular o paradigma cibernético às novas formas de compreender determinadas desestabilizações como parte de uma dinâmica que, por sua natureza, não é linear em sistemas que se distanciam de um suposto equilíbrio. O capítulo tem como foco, então, discutir o modo como a materialidade técnica é implicada nesses processos, sustentando a hipótese de que “os padrões antiestruturais” não estão somente em sistemas que se distanciam do equilíbrio, e, sim, “seriam materialmente orientados por uma infraestrutura técnica construída, ela mesma, com base em pressupostos invertidos”, produzindo, desse modo, “zonas de opacidade entre usuários e sistemas algorítmicos, entre plataformas e o aparato regulatório democrático” (Cesarino, 2022, p. 89). Segundo argumenta a autora, um exemplo dessa assimetria técnica está no fato de que a relação entre agente e ambiente coemerge, uma vez que os ambientes digitais das novas mídias se constituem no inverso à orientação de sua normatividade e o senso comum da modernidade liberal, ou seja, “o usuário humano não é o agente, mas o *ambiente*, para a agência de sistemas não humanos” (Cesarino, 2022, p. 89, grifo da autora). Esses agentes não humanos, por assim dizer, são a manifestação do mundo off-line, do viés político das novas mídias e sua infraestrutura, que provoca políticas de ressonâncias na esfera pública. Dessa forma, como descreve a autora,

Sob o prisma cibernético, portanto, o principal efeito político das novas mídias não diz respeito à conjuntura: às forças políticas particulares que, em determinado momento, são beneficiadas por elas. Remete, antes, a toda uma tecnopolítica, ou ao modo como essas mídias vêm transformando *estruturalmente* a esfera pública (Cesarino, 2022, p. 91, grifos da autora).

É nesse sentido que, ainda no segundo capítulo, Cesarino discute a política nas infraestruturas técnicas das novas mídias, argumentando que “esses sistemas têm uma política, e que essa política se materializa num viés infraestrutural favorável a forças sociopolíticas e epistêmicas que ressoam, hoje, junto à convergência ultraliberal-reacionária” (Cesarino, 2022, p. 93), incidindo nas forças antiestruturais. Assim, a perspectiva cibernética, além de convergir

Dossiê Crises da democracia e desinformação: diagnósticos do tempo presente

<https://revistaecopos.eco.ufrj.br/>

ISSN 2175-8689 – v. 26, n. 1, 2023

DOI: 10.29146/eco-ps.v26i01.28066

determinados diagnósticos, segundo a autora, apresenta duas características analíticas: a “busca por viabilizar processos contraditórios de controle e influência”; e o “caráter perspectivo: o tipo de poder que opera na e pela plataforma é experimentado de forma diferencial a depender de onde se situa o observador” (Cesarino, 2022, p. 96).

Nesse momento, Cesarino desenvolve uma reflexão argumentativa sobre a hipótese colocada no primeiro capítulo do livro, a de que a “capilarização das novas mídias junto à cognição dos usuários vem reduzindo a viscosidade dos sistemas sociotécnicos” (Cesarino, 2022, p. 97), fazendo com que as forças antiestruturais avancem com rapidez. Assim, a autora investiga e discorre sobre como ocorrem essas mudanças sistêmicas, tendo como fundo o conceito de públicos antiestruturais. A própria noção de *público antiestrutura* é desenvolvida analiticamente na segunda parte do livro, com base no conjunto de conceitos elaborados pelo antropólogo britânico Victor Turner e intelectuais da corrente do estrutural-funcionalismo britânico.

O terceiro capítulo, “Política: algoritmização e populismo”, que abre a segunda parte do livro, “discute os efeitos, no domínio da política, do quadro desenhado até o momento, tomando por base a ascensão eleitoral da nova direita, em especial a bolsonarista, após 2013” (Cesarino, 2022, p. 145). Assim, a análise se volta para a conjuntura política brasileira e suas dimensões socioculturais e históricas, desde uma perspectiva da materialidade técnica e do ponto de vista da cibernética, para compreender também a crise de confiança pela qual passam a ciência e a política. Nesse caminho argumentativo, a autora, a partir de Mauss, situa o bolsonarismo como um fenômeno técnico. Isto pois, ao compor infraestrutura, como todo fenômeno social, pode ter uma política embutida”. Desse modo, Cesarino se vale de diagnósticos recentes na esfera pública, como a desinformação, radicalização política ou conspiracionismos na plataforma.

De maneira a lançar luz sobre a interpretação da infraestrutura da mídia, nesse terceiro capítulo, é feita uma análise do populismo digital a partir da campanha bolsonarista de 2018 em publicações do *WhatsApp*. Conforme descreve a autora, forma-se um movimento “ao mesmo tempo vazio de conteúdo e altamente performativo”. A explicação cibernética destacou outras dimensões da dinâmica do populismo digital, tais como a

Dossiê Crises da democracia e desinformação: diagnósticos do tempo presente

<https://revistaecopos.eco.ufrj.br/>

ISSN 2175-8689 – v. 26, n. 1, 2023

DOI: 10.29146/eco-ps.v26i01.28066

Presença de uma ameaça existência iminente, deslegitimação de estruturas de produção de verdade preexistentes (imprensa, academia) para isolar os seguidores em públicos fechados, e uma relação de mimese inversa onde o inimigo aparece como espelho invertido da identidade líder-povo (Cesarino, 2022, p. 149).

Nesse sentido, a autora descreve a campanha de Bolsonaro em 2018 como colapsada entre candidatos e eleitores, fato e ficção e, também, entre “a política e outras esferas sociais”. A eficácia eleitoral se dá a partir de um contexto em que “o pessoal é político”. Essas condições eleitorais, por sua vez, se relacionam “a táticas inteligentes, como a fusão ou aproximação da figura de Bolsonaro com outras, retiradas de campos outrora privados como a religião e a indústria do entretenimento” (Cesarino, 2022, p. 152).

Outro sentido de fundamental importância para a arquitetura das plataformas que Cesarino descreve como sendo favorável ao bolsonarismo inclui as *affordances*, conceito que a autora trabalha desde o capítulo 2 do livro. O termo foi cunhado no campo da psicologia, em 1966, por James Gibson. Segundo afirmam Fonseca e Barbosa (2018), essa “perspectiva permite uma análise de um objeto que valoriza a importância da tecnologia e a interferência dos indivíduos na apropriação e reconstrução dos artefatos” (Barbosa, Fonseca, 2018, p. 73). Nesse contexto, as *affordances* constroem padrões “favoráveis aos populismos da direita radical” (Cesarino, 2022, p. 152), ora avançando nas crises permanentes, ora nas espacialidades fractais.

O capítulo transcorre, ainda, por outros temas que perpassam o livro, sobretudo nos primeiros capítulos mais conceituais e de ordem teórica, como o tema dos ecossistemas populistas como públicos antiestruturais; multidão, mimese e antagonismo — visto que multidões podem assumir comportamentos organizados, como as situações populistas; antiestrutura, pureza e regeneração; cismogênese; mimese inversa como dupla torção e discussões sobre o atrator de Rössler e o híbrido cismogênese-platô.

O quarto e último capítulo do livro, “Verdade: conspiracionismos e *alt-sciences*”, explora como as crises da política e da ciência caminham em paralelo, chegando a ser compreendidas pela autora como sendo uma só crise. Ela examina as divergências nos termos apresentados na

Dossiê Crises da democracia e desinformação: diagnósticos do tempo presente

<https://revistaecopos.eco.ufrj.br/>

ISSN 2175-8689 – v. 26, n. 1, 2023

DOI: 10.29146/eco-ps.v26i01.28066

primeira parte do livro, ou seja, “como a atual infraestrutura da mídia ajuda a propiciar uma máquina de ressonância que aproxima, mas não confunde totalmente, populismo e pós-verdade” (Cesarino, 2022, p. 205). Desse modo, a autora recorre ao termo “pós-verdade” para referir-se aos processos de desinformação, negacionismos e pseudociência — que estiveram fortemente presentes no período da pandemia de Covid-19 e, mais expressamente, durante o governo fascista de Jair Bolsonaro (2018-2022).

Assim, o capítulo tem como foco de investigação os públicos ligados ao bolsonarismo, como os usuários do “tratamento precoce da Covid-19” — ou também chamado de “kit covid”, que incluía drogas sem qualquer comprovação científica para o tratamento da doença. Tal desinformação era criada e divulgada por grupos bolsonaristas (incluindo médicos, jornalistas, políticos etc.) e, inclusive, pelo próprio ex-presidente. Desta forma, mais pessoas acreditavam que determinados medicamentos, como a hidroxicloroquina ou a ivermectina, preveniriam ou tratariam a Covid-19 e se tornavam adeptas do kit.

Além disso, outro grupo do bolsonarismo político analisado por Cesarino é o QAnon nos Estados Unidos. Para sustentar as observações feitas em torno dessas questões, a autora se apoia na pesquisa do jornalista Victor Hugo da Silva, que desenvolveu, durante a pandemia, uma etnografia investigativa em profundidade sobre esses grupos, de modo a “olhar para esses movimentos fora da chave do negacionismo, mirando as raízes sociotécnicas de sua notável eficácia durante a pandemia no Brasil” (Cesarino, 2022, p. 206).

As significativas modificações recentes nos modos de produção de verdade no Brasil, segundo afirma a autora, provocaram uma mudança de paradigma, recebendo o nome de “pós-verdade” — ainda que se encontre sob uma definição problemática, pouco consolidada e com pressupostos ultrapassados, sobretudo sobre a separação entre emoção e razão, verdade e crença etc. Por essa razão, a explicação cibernética propõe outro olhar aos fenômenos emergentes, diferente dos paradigmas aos quais estão entrelaçados e que se contrapõem. Para abordar essa questão, Cesarino (2022) recorre, então, à antropologia digital que, de modo integrativo, se detém nas dimensões socioculturais, linguística, técnicas e materiais. Além disso, inclui a incorporação das relações humano-máquina em experimentações

Dossiê Crises da democracia e desinformação: diagnósticos do tempo presente

<https://revistaecopos.eco.ufrj.br/>

ISSN 2175-8689 – v. 26, n. 1, 2023

DOI: 10.29146/eco-ps.v26i01.28066

transdisciplinares, não somente nas ciências humanas, mas nas ciências biológicas e exatas — também para recolocar o lugar da crítica de divisão entre natureza e cultura.

O capítulo traz, ainda, o tema da verdade, cognição e confiança. Debate como a produção de verdade está relacionada à confiança social e como o conceito de verdade está emaranhado à determinada confiança. Para a autora, “isso espelha a economia cognitiva própria da evolução humana, pois é a confiança social no grupo do qual o sujeito faz parte que o libera para os processos secundários” (Cesarino, 2022, p. 220). É nesse sentido, também, que as novas mídias acabam transferindo a confiança para outros mediadores. Assim, cabe destacar a atenção que a autora, ao terminar o livro, dá ao tema da *alt-science* do tratamento precoce. Ela refere-se a fenômenos do negacionismo ou da pseudociência em um estado de exceção científico, nos termos de Cesarino (2022), durante a pandemia, com públicos populistas que variavam no espaço e no tempo.

O Brasil viveu, nos últimos anos e sob o obscurantismo do governo fascista de Bolsonaro (2018-2022), momentos de profunda instabilidade do Estado democrático de direito e sob uma polaridade redesenhada pelas novas mídias, como destaca a autora, “em que uma camada comunicativa “populista” orientada por uma política de afetos passa a coexistir com camadas menos visíveis de controle e governo por vias algorítmicas e tecnocráticas” (Cesarino, 2022, p. 271). Nessa direção, o livro analisa, então, as dimensões técnica, cognitiva, sociopolítica e epistêmica desse processo.

Na conclusão de *O mundo do avesso*, intitulada de “sobre fins e recomeços” Cesarino (2022) chama atenção para a urgente mudança na perspectiva e prática de se fazer política, ao lado dos conhecimentos tradicionais dos povos indígenas. Ou seja, é preciso, tal como fazem as novas mídias e no contexto do bolsonarismo e sua militarização e milícias, rediscutir as possibilidades de se pensar o fim deste mundo, levando em conta outros saberes de natureza política e cosmológica. Em outras palavras, trata-se de considerar outras entidades não humanas na arena para as discussões e outras formas de práticas políticas que foram excluídas pela bifurcação de um modo de pensar que exclui os encontros entre política e cultura e, também, entre natureza e cultura. Trata-se, portanto, de repensar o fim do mundo para “a

Dossiê Crises da democracia e desinformação: diagnósticos do tempo presente

<https://revistaecopos.eco.ufrj.br/>

ISSN 2175-8689 – v. 26, n. 1, 2023

DOI: 10.29146/eco-ps.v26i01.28066

juventude negra nas periferias pelas mãos da polícia ou do tráfico”, como destaca Cesarino (2022, p. 279) — ou mesmo para os povos quilombolas e indígenas, com garimpos e epidemias que geram, entre outras coisas, catástrofes naturais.

Para essa proposta de reflexão, que não se esgota e que merece atenção no debate acadêmico e não acadêmico (referindo-me aqui aos saberes dos povos originários), a autora convoca autores como Ailton Krenak, Davi Kopenawa, Bruce Albert, além de Déborah Danowski e Eduardo Viveiros de Castro. Desse modo, a autora reflete sobre como evitar a democratização do fim deste mundo que está, segundo Cesarino (2022), “na capacidade de adaptação do próprio sistema” das práticas políticas.

Referências bibliográficas

BARBOSA, Suzana Oliveira; FONSECA, Adalton dos Anjos. Affordances indutoras de inovação no jornalismo móvel de revistas para tablets. *InTexto*, v. 42, p. 71-95, 2018.

CESARINO, Letícia. *O mundo do avesso: verdade e política na era digital*. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

GOMES, Wilson; DOURADO, Tatiana. Fake news, um fenômeno de comunicação política entre jornalismo, política e democracia. *Estudos de Jornalismo e Mídia*, v. 16, p. 33-45, 2019.

MARTIN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

Iago Porfírio – Universidade Federal da Bahia – UFBA

Estudante de Doutorado em Comunicação e Cultura Contemporâneas pela Universidade Federal da Bahia (UFBA/CNPq), com estágio doutoral no Instituto de Investigaciones Antropológicas da Universidad Nacional Autónoma de México (IIA/UNAM). Atualmente, é investigador de tempo completo no Laboratorio de Análisis Transdisciplinar y Sistemas Complejos do IIA/UNAM.

Email: iagoporffriojor@gmail.com

Financiamento

Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, CNPq.

Dossiê **Crises da democracia e desinformação: diagnósticos do tempo presente**

<https://revistaecopos.eco.ufrj.br/>

ISSN 2175-8689 – v. 26, n. 1, 2023

DOI: 10.29146/eco-ps.v26i01.28066